

O uso da comunicação não verbal e a prática política

Resumo:

O uso da comunicação não verbal tem sido um tema bastante explorado na prática política. A maior parte dos políticos parece possuir habilidades naturais para entender e utilizar os sinais indicadores da linguagem corporal. Sobre esse tema, há uma concordância geral entre os acadêmicos sobre a existência de um núcleo de gestos e expressões faciais que podem ser considerados inatos e ligados ao funcionamento do Sistema Nervoso Autônomo. Entretanto, há igual concordância de que uma boa parte da linguagem corporal tem origem cultural, o que produz muitas diferenças na forma como vivenciamos a dimensão corporal da comunicação.

Palavras-chave:

Comunicação não-verbal; Universais em linguagem corporal.

Abstract:

The use of non-verbal communication has been a well-explored topic in political practice. Most politicians seem to have natural abilities to understand and observe signs of body language. On this subject, there is a general agreement among the scholars about the existence of a core gestures and facial expressions that can be considered innate and linked to the functioning of the Autonomic Nervous System. However, there is an equal agreement that a good part of body language has cultural origin, which produces many differences in the way we experience the corporal dimension of communication.

Key words:

Nonverbal communication; Universals on nonverbal communication.

O uso da comunicação não verbal tem sido um tema bastante explorado na prática política. A maior parte dos políticos parece possuir habilidades naturais para entender e utilizar os sinais indicadores da linguagem corporal.

Nesse contexto, é relevante discutir se essa interpretação pode ser influenciada por fatores culturais ou se a linguagem corporal é inata, podendo ser “lida”, portanto, independentemente da origem cultural das pessoas.

Sobre esse tema, há uma concordância geral entre os acadêmicos (EKMAN e KELTNER, 2014, 1997; EKMAN, 1998) sobre a existência de um núcleo de gestos e expressões faciais que podem ser considerados inatos e ligados ao funcionamento do Sistema Nervoso Autônomo.

Entretanto, há uma concordância equivalente de que uma boa parte da linguagem corporal tem origem cultural, o que produz muitas diferenças na forma como vivenciamos a dimensão corporal da comunicação. O exemplo mais claro disso são os emblemas, gestos cujos significados são coletivamente negociados em um determinado grupo cultural.

Normalmente, gestos obscenos estão classificados nessa categoria. Se alguém fizer um gesto desses todos entendem! No entanto, um estrangeiro pode ficar um pouco confuso. É bom ficar alerta sobre isso, pois o “V” da vitória tem significados diferentes na Inglaterra, dependendo se é feito mostrando as costas (gesto obsceno) ou a palma da mão (V da vitória).

Outro exemplo: é comum, entre os jovens, ensinar gestos a um estrangeiro como brincadeira para constrangê-lo. Por outro lado, o mesmo estrangeiro ao utilizar o gesto (ou expressão) perceberá que fez algo ina-



propriado, mas não terá a mesma percepção emocional do que aquilo significa para os integrantes da cultura em que a linguagem corporal (gesto) faz “todo o sentido”.

É comum encontrar nos livros de autoajuda que ensinam a interpretar a linguagem corporal que uma “pessoa fechada” está com as pernas cruzadas e as mãos juntas (quem sabe até mesmo com a bol-

sa no colo se for uma mulher sentada). Entretanto, em algumas culturas, as mulheres aprendem que devem se sentar assim, com as pernas fechadas, com as mãos ou a bolsa no colo. Nesse caso, isso não indicaria que está desconfortável, ela apenas segue uma regra social aprendida.

São as chamadas regras de *display* (MATSUMOTO, 1990), de demonstração ou de apresentação (dependendo da tradução). É a tão conhecida “cara de enterro”, por exemplo.

A análise da linguagem corporal é um tema tão interessante que expressões podem variar dentro de um mesmo grupo cultural (os brasileiros, por exemplo) e encontraremos gestos característicos de gaúchos, nordestinos, mineiros etc. Essa variação é conhecida como dialetos não verbais e vem sendo bastante estudada (ELFENBEIN et al., 2007).

De qualquer forma, é necessário prestar atenção a alguns aspectos importantes para não ficarmos mais confusos ainda. E por que será que existe essa concorrência de processos inatos e aprendidos? O psiquismo humano é composto de processos básicos (mais antigos, normalmente não conscientes e diretamente relacionados com o funcionamento do Sistema Nervoso Autônomo) e processos que podemos chamar de superiores (aqueles que nos diferenciam dos outros animais): (1) a ação conscientemente controlada; (2) a memória ativa e (3) o pensamento abstrato (VYGOTSKY, 1978).

A maioria dos cientistas focaliza sua atenção em um ou outro conjunto de processos. A confusão desaparece quando conseguimos considerar que os processos básicos não prevalecem, necessariamente, sobre os superiores e vice-versa. Os processos atuam concomitantemente (de forma isolada ou articulada) e não há como prever, de forma geral, qual deles prevalecerá ou funcionará como "canalizador" principal de determinado comportamento.

É o que ocorre, por exemplo, com muitas pessoas que se recuperam do uso de drogas ilícitas. Apesar da vontade de parar, os mecanismos básicos, relacionados com o circuito do prazer no Sistema Límbico, podem regular uma "vontade" de usar drogas novamente. Se estabelece, então, uma "competição" entre um processo consciente superior (saber que não deve drogar-se por vários motivos) e a dependência psíquica da droga ligada à alguma percepção supostamente agradável (processo básico) e o circuito de recompensa do Sistema Límbico.

Tendo isso em mente, concluímos que a linguagem corporal é simultaneamente cultural e biológica. O que torna seu estudo um desafio, devido à complexidade que apresenta. Recomendo cuidado com livros da autoajuda nessa área que apresentam padrões rígidos e descontextualizados. Não existe mágica nesse processo interpretativo.

Referências

ELFENBEIN, H.; BEAUPRÉ, M.; LEVEQUE, M.; HESS, U. Toward a dialect theory: Cultural differences in expressing and recognizing facial expressions. *Emotion*, 7, 131-146, 2007.

EKMAN, P. ; KELTNER, D. *Darwin's claim of universals in facial expressions not challenged*. Huffington Post, 2014.

EKMAN, P. Universality of Emotional Expression? A Personal History of the Dispute. In: Ekman, P. (Org.), *The Expression of the Emotions in Man and Animals*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1998. p. 363-393.

EKMAN, P.; KELTNER, D. Universal facial expressions of emotion: An old controversy and new findings. In: SEGERSTRALE, U. C.; MOLNAR, P. (Orgs.), *Nonverbal communication: Where nature meets culture*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1997. P. 27-46.

MATSUMOTO, D. Cultural similarities and differences in display rules. *Motivation and Emotion*, 14(3), 195-214, 1990.

VYGOTSKY, L. S. *Mind in society: the development of higher psychological processes* Cambridge: Harvard University Press. 1978.